

*No fundo, é só um truque. Sim. É só um truque.*

JEP GAMBARDELLA



Na época em que nos casámos, nos anos setenta do século vinte, o meu marido era tão cheio de vigor que, por vezes, à noite, deitados na cama, eu sentia-lhe o sexo duro, mesmo quando ele já dormia. Ressonava e o pénis erecto lambia-me as pernas, um tanto húmido, se lhe dava para isso. A sensação não era desagradável, assemelhava-se a um gato de língua ávida debaixo dos cobertores. Um dia, isso deixou de acontecer. Em que momento, não sei: as coisas deixam de acontecer e, quando damos por isso, já não acontecem.

O meu marido escrevia de pé, encostado à parede, junto ao parapeito interior de uma janela. Não era um parapeito estreito como habitualmente, mas um parapeito largo; a janela dava para uma espécie de saguão descoberto onde se escutavam os sons do prédio, que pareciam escorrer pelas escadas de incêndio abaixo. Passos, vozes, o assobiar do homem que viveu no último andar – um fulano escor-reito que se mostrava sempre contente mas que, no fundo, era muito triste, ou não se tivesse matado na véspera de

Ano Novo de 1998 –, a cantilena desafinada da senhora que lavava a escada. Por vezes, o carteiro. Nos primeiros anos, o carteiro enfurecia o meu marido, que saía do escritório e dizia: *Raios partam este filho da mãe*. Ou então não dizia nada. Ia à cozinha aquecer mais água para o chá e batia com a louça na bancada; mexia o chá com demasiada força; depois atirava a colher para a pia com estrondo. Eu ouvia-lhe os passos zangados atravessando o corredor: era aquele o homem com quem eu me casara, alguém que disputava ferozmente contra qualquer um para preservar o seu silêncio.

E, no silêncio, o que acontece? Quando domamos a raiva por causa do carteiro barulhento ou, encontrando uma alternativa, fechamos a janela e de súbito nada existe além dos raios de sol que atravessam a clarabóia e iluminam o pó que nos envolve a todos os momentos? Ultimamente, tenho reparado nisto. Que somos abraçados pelo pó; que entre o nosso corpo e as restantes coisas existe um espaço que julgamos vazio, mas que está cheio de uma matéria qualquer que é pó e mais do que pó, que é sombra e mais do que sombra.

Nos anos setenta, e até durante os anos oitenta, eu e o meu marido fazíamos amor com uma regularidade invejável (digo *invejável* porque conheço a realidade matrimonial de outras mulheres). Ele era um tipo desajeitado, alto e com pouca força física, por isso gostava que eu me

debruçasse sobre ele e lhe agradasse, e depois gostava que eu me pusesse de quatro. Por vezes, quando acabava, ficava muito irritado, sem explicação aparente. Outras vezes ficava profundamente triste. Eu observava-o e percebia que ele ansiava por estar sozinho, enrolar-se nos cobertores e esquecer aquele desconforto, uma dor tão antiga que o túnel mais fundo não permitiria vislumbrá-la. Era a dor da infância, sabia eu. Como sempre sucede com as dores antigas, revivemo-las uma e outra vez, temendo que voltem a ser como foram então, dilacerantes e selvagens. Se ele tivesse falado do assunto, eu ter-lhe-ia dito: agora já és um homem, sabes tomar conta de ti, não te escondas debaixo dos cobertores. Conta-me o que sentes ao ouvido ou, então, não me contes nada, mas deixa-te abraçar e sente a proximidade do meu corpo sem te retraíres. Não sou nenhuma das mulheres da tua infância que te meteram tanto medo.

Nunca tivemos filhos. Ninguém decidiu nada; eu nunca fiquei grávida e ele nunca foi ao médico apurar responsabilidades. Se acaso eu abordava o assunto, via os olhos dele ausentarem-se, como se a consciência que os atravessava fosse enegrecida por um derrame de petróleo. Há certas pessoas que, ao acharem-se indefesas, recusam ajuda e escondem-se, procurando a gruta mais recôndita.

O meu marido escreveu muitos livros. Dos trinta e três aos quarenta e oito anos escreveu dezoito romances.

Não os li todos. Li os três primeiros e, a partir daí, fui alternando os anos em que lia com os anos em que não lia. Alguns, menos interessantes, li na diagonal, ou de fio a pavio, mas sem deles guardar qualquer registo mental. Mais do que uma vez encontrei, em livros diferentes, situações semelhantes, as mesmas frases (com uma ou outra variação na sintaxe), personagens que já conhecia de outras obras, repetições algo cansativas e desenlaces previsíveis. Porém, a sua voz narrativa era poderosa, e eu escutava-a dentro da cabeça do meu marido quando, à noite, me aproximava dele e lhe tentava ouvir os sonhos. Lá estava ela ditando-lhe a vida, complicando-lhe a existência. Ler aquela voz era viver a minha vida em duplicado; era ver o jogo de futebol no campo com o relato da rádio nos ouvidos.

Antes de desaparecer, Lars terminara de escrever um livro chamado *O Luto de Elias Gro*. Pela primeira vez em muitos anos, pediu-me que lesse algumas páginas, o que fiz. Sentei-me no velho sofá de estofó verde e, quando ele já dormia, em vez de ler algumas páginas li o livro inteiro. No final, chorei copiosamente. Fui abrir a janela junto do parapeito onde ele escrevia, e chorei. Àquela hora todos dormiam, o prédio estava mergulhado em silêncio, do saguão chegavam-me apenas o cheiro da noite e o brilho das estrelas. Chorei porque desconhecia que o meu marido pudesse ser capaz daquele tipo de sentimentos; porque, mesmo

admitindo que ele pudesse sentir-se assim, eu não via um fim para o seu sofrimento (que também era o nosso) e, portanto, todos os livros eram inúteis. É possível que todos os livros sejam inúteis, se lemos para nos esquecermos de nós, para debelarmos a ferida de existir. Se formos previdentes, os livros também nunca nos magoam. Salvem-se de ler Kafka de madrugada, ou Virginia Woolf se estiverem internados com uma pancreatite. As pessoas, sim, essas magoam-nos: são uma dádiva mas também agravam a nossa ferida, escarafuncham nela e fazem-na sangrar.

Escreveu este livro depois de muitos anos sem escrever. Ainda não tive coragem de lhe pegar novamente nem sequer de tocar nas páginas que permanecem pousadas no braço do sofá, por detrás do qual, em cima de uma estante, ao lado de uma velha grafonola que o meu marido comprou numa feira de rua, repousa a fotografia de um farol. Não foi ele que a tirou. Foi o marido da irmã, que fotografa tudo e mais alguma coisa, que viaja muito e vai capturando as coisas curiosas do mundo. Há dez anos ofereceu-nos uma fotografia emoldurada que permanece pendurada na parede da sala. Tirou-a na África do Sul depois de vários dias de viagem, é a imagem de uma casa destruída e engolida pela areia. Ofereceu-a a Lars, mas ele pareceu não lhe dar importância; fez aquele sorriso tímido e complacente quando recebeu o presente e, depois, fechou-se em copas, agradecendo a prenda com um abraço desajeitado.

(Encontrei-a, meses depois, num caixote onde ele costumava guardar os manuscritos inacabados. Limpei-lhe o pó e, durante algum tempo, antes de a pendurar na parede, deixei-a pousada em cima de uma mesinha branca que tenho no meu escritório – na verdade, é apenas uma salinha exígua onde me sento a ler, abraçada por três estantes de livros; em tempos foi a despensa onde a empregada, quando a tínhamos, guardava o material de limpeza.)

A relação do meu marido com o seu corpo foi sempre de uma enorme estranheza. Pergunto-me: quem é este ser em nós que se envergonha de si mesmo? Ou que rejeita as formas que o corpo assume? Ele parecia ter vergonha da alegria, como se mostrar um sorriso ou abertamente abraçar alguém fosse um sinal de desfaçatez, como se a única emoção permitida fosse testemunhar a emoção, um Buda de trazer por casa, limitando-se a pedir à Mãe Terra para comprovar o seu despertar. E Lars não era budista nem nada que se parecesse: o corpo era, para ele, um peso, um fardo de muitos séculos, e nele ia negando tudo, até a tristeza, e pobre do homem que rejeita a tristeza. Eu ouvia-o grunhir e maldizer e predispor a mobília, o tempo e os condutores contra si. Se ia comprar o jornal e regressava de gabardine molhada, pese embora o silêncio, a vibração do seu descontentamento ecoava pela casa como o latido de um cão já morto, o ganir que ainda ouvimos no estreito canal auditivo. Eram maneiras de abafar a melancolia, suplantando-a com o desconforto do quotidiano.

Por vezes, ouvia-o falar sozinho no corredor que vai da cozinha à sala ou nas escadas que conduzem da sala ao segundo andar, onde fica o quarto de dormir. Se lhe perguntava: *que tens?*, respondia-me: *nada*. E depois hesitava um momento, a mesma hesitação que eu lhe via ao beijar a irmã ou os sobrinhos, como se esse gesto fosse desapropriado ao seu corpo e ele tencionasse guardar esses momentos para uma outra vida, em que abrir os braços e receber alguém fosse um gesto tão simples como abrir a torneira da água quente quando, numa manhã de Inverno, nos preparamos para as abluções.

Mas eu também sabia quanto o mundo lhe doía. Sempre que ele via uma pessoa muito velha, por exemplo. Havia um homem de rosto tisonado que frequentava o parque e todos os dias se sentava no mesmo banco, procurando acender um cigarro que, de tão carcomido, se julgaria imaginário. O mesmo cigarro de há anos. Tossia muito, uma rouquidão das cavernas; adivinhava-se no velho uma doença vagarosa. O rosto era um tronco de uma árvore muito nodosa, e os olhos duas grutas pequenas e redondas, fundíssimas. Tremia-lhe o braço sempre que tentava levar o cigarro aos lábios, tremia ainda mais quando o indicador e o dedo médio se aproximavam por fim daqueles lábios de caruncho. Com esforço, num gesto brusco, lá encaixava o papel amarelado entre as comisuras. Difícil era levar a chama dos fósforos à ponta do

cigarro. Cada gesto tinha o peso de uma maré no Inverno. A chama bruxuleava, hesitante, tremendo cada vez mais conforme a mão do homem se agitava num desvario sem causa, o lume nunca chegava a tocar a ponta do cigarro e, depois, esmorecia e apagava-se perante a perplexidade do velho, uma perplexidade de criança, de lágrimas à tona, o peito encovado debaixo da camisa de manga curta, de botões sumidos, afundando-se mais a cada tentativa. Por vezes, ao passar pelo jardim, eu encontrava o meu marido sentado num banco defronte do homem, observando-o como quem observa a Lua a desaparecer no dia claro ou uma flor perdida num terreno baldio.

No nosso apartamento, como em todos os apartamentos do mundo, existem espaços de sombra e espaços de luz. O espaço onde o meu marido trabalhava, o pequeno escritório com janela para o saguão, é um espaço de sombra. As paredes são altas e a claridade chega em ricochetes, e apenas até à uma da tarde, porque o prédio está voltado a sul; durante o que resta do dia o escritório fica mergulhado naquela penumbra desolada que tantas vezes encontramos na juventude, de olhos quase fechados no sono ou de cabeça aninhada no colo do nosso pai. Os espaços de luz são a cozinha e a pequena varanda que dá para a avenida principal, onde, nos meses mais amenos, planto tomilho-limão e coentros, que uso para preparar as refeições.

O meu marido costumava dizer que toda a minha comida sabia a coentros. Como ele gostava de coentros, pouco lhe importava. Uma vez disse-me que, de tanto eu os usar, o sabor ficara-lhe para sempre na boca e tudo lhe sabia a coentros, até o café que ele bebia no *Almanak*, a cafetaria a poucos quarteirões do nosso apartamento, onde os universitários passavam os Invernos debruçados sobre livros e computadores. Os gorros grossíssimos enfiados nas cabeças, as luvas gentilmente pousadas na mesa, uma sobre a outra, quem sabe ligeiramente mornas do aquecimento ou expostas como uma obra de arte num museu de gente distraída.

Às vezes, eu dizia-lhe: olha que é cebolinho. Ou salsa ou beldroegas. Ele torcia o nariz, exibindo um sorriso desconfiado por detrás da barba grisalha (nos últimos anos raramente a desbastava, e a barba crescia, irregular, formando uma pêra que sobressaía; o bigode, por vezes, avançava por cima do lábio superior e ficava ensopado quando comíamos um dos meus caldos de galinha). Lars acreditava pouco nas coisas que eu lhe dizia, isto é, carecia de confirmação. Eu dizia: é sábado. Ele assentia e consultava o calendário. Eu dizia: está a chover. E ele levantava-se da cama e, no seu vagar, dando toquezinhos na parede com os nós dos dedos, a música da sua passada preenchendo a hora silenciosa da manhã em que acordávamos, ia até à sala e ficava a olhar para a chuva lá fora, as gotas escorrendo

pelos vidros. Nessas alturas eu levantava-me também e, de roupão vestido, atravessava o corredor na direcção da cozinha, detendo-me a observar aquela figura esquelética, de ombros vencidos, com a estranha forma de cabeça que alguns homens adquirem quando envelhecem, parecida com uma bolota: o cabelo desaparece do topo da cabeça e começa a crescer numa espiral desregrada em torno desse centro, o que dá à pessoa um aspecto desmazelado. No caso do meu marido, o que fazer com o cabelo era uma escolha difícil. Deixá-lo crescer ou rapar a cabeça, nenhuma destas opções jogava com a barba espessa que ele se recusava a cortar. Careca, com barba, ficava igual ao drogado que, há muitos anos, passara uma temporada a dormir à porta do nosso prédio, tapado por um sobretudo e pedaços de caixotes. O cabelo mais comprido, por outro lado, dava-lhe a aparência de um cientista louco ou de um pederasta.

Assim, cortava o cabelo com alguma frequência, mas era difícil convencê-lo a desbastar a barba. Quando o fazia, enchia a bacia de mármore de pêlos pretos e brancos que depois eu limpava, algo contrariada, embora me fosse agradável estar na casa de banho do nosso apartamento. As paredes eram de azulejo azul-escuro, da mesma cor do azulejo que revestia a banheira e as bacias (tínhamos duas bacias, uma para cada um, e eu limpava e mantinha a dele arrumada), da mesma cor do chão; estar naquela casa de banho tinha uma qualidade de aquário, e eu sentia-me um peixinho dourado. Era outro dos lugares de sombra

do nosso apartamento. Mas esta era uma sombra benfazeja, uma obscuridade tranquila. Além disso, nas casas de banho de azulejo goteja sempre. Descubro, com a idade, que onde goteja há sempre tranquilidade. Gotejar é uma maneira de Deus nos dizer que está presente. Se estamos deitados na cama e ouvimos gotejar à distância, sabemos que a vida não é nossa, nunca foi nossa, jamais se encontrou nas mãos deste tirano que, dentro de nós, quer o mundo para si, exige ser dono de tudo, governar sobre todas as coisas. A água faz o seu percurso sem os homens, nunca precisou de gente. Se quer gotejar, goteja; abençoados somos porque ali está o divino. Só existe gotejar no silêncio. E o silêncio é o divino.

Tornou-se um hábito do meu marido, com o passar dos anos, ficar junto da janela, de cortinas entreabertas, observando o tempo lá fora. Por vezes, nos poucos dias em que nevava, os pombos desciam aos parapeitos das janelas e pousavam inquietos sobre a neve, arrulhando e fechando-se em bandos. Lars observava-os com atenção quando apareciam na varanda. Por vezes, ia para o escritório e dava côdeas de pão molhado e bagos de milho a um pássaro negro que por ali passava, não sei se era sempre o mesmo ou se o primeiro dera aos companheiros a notícia de que, naquele parapeito, havia um homem um tanto perdido mas generoso.

Esqueci-me de dizer que da varanda onde planto as ervas vêem-se as copas das árvores que parecem desfilar pela avenida, de um lado e de outro. As copas são enormes e escondem os carros que incessantemente cruzam esta zona da cidade, bem como as bicicletas dos estudantes e das pessoas que se preocupam com a ecologia. Vivemos num terceiro andar e eu tenho vertigens: é raro olhar para baixo e, se o faço, imagino-me imediatamente a ser abraçada pelas copas com a mesma ternura com que o pó nos abraça todos os dias. No fundo, estamos sempre a cair, mesmo sentados, é só a sensação de cair que está ausente em nós nesse momento.

Descobri que o meu marido via muita pornografia quando, uma manhã, tive de usar o computador dele. Não recorro o motivo dessa necessidade – certamente que nunca tive ciúmes; duvido, sequer, que tivesse curiosidade em ver as coisas que ele lá guardava. Sei que algumas mulheres o fazem em segredo, vasculhando os computadores dos maridos à procura de provas da sua enorme e conspurcada infidelidade. Fazem-no à pressa, enquanto o marido se ausenta (provavelmente, numa missão de infidelidade!), sem se darem conta de que a suspeita sempre existiu, desde a mais tenra infância, desde aquele primeiro grito de profundo desamparo que damos ao entrar neste mundo, esperneando, e a primeira golfada de oxigénio nos enche os pulmões, essa estupenda violência

original – sim, a suspeita nasce aí, a insidiosa suspeita de que há uma ferida que não tem cura, e desde esse primeiro momento preparamo-nos para que o mundo venha a ser aquilo que nele tanto queremos ver. Se somos pessoas alegres, então vemos alegria; mas, se somos desconfiados e queremos ver a infidelidade dos nossos maridos, teremos, então, a infidelidade dos nossos maridos. Ou então queremos a solidão e ela bate-nos com um martelo na cabeça. Ou a desesperança. Ou a derrota. E, às tantas, já não sabemos viver sem esse sofrimento e ele prolonga-se, prolonga-se, prolonga-se: queremos, no fundo, continuar o que começámos porque desconhecemos outra forma de viver, temos em nós uma criança eternamente presente, uma criança que deseja descobrir segredos e conspirar nos corredores silenciosos da memória, dizendo-nos: não confies, não confies. Encontramos, movidos pelos nossos corações infantis, os segredos dos adultos, aquela desilusão que sempre esteve dentro de nós à espera de se manifestar. Simplificando: criamos o mundo. É igual a um sonho: inventamo-lo e depois vivemo-lo como se fôssemos as suas indefesas personagens.

Mas adianto-me. Não foi por ciúmes que fui ao computador dele; se algum dia eu fui ciumenta, o que duvido, seguramente não o seria com Lars, pois juntámo-nos de cabeça fria, cientes das nossas enormes limitações. Em certas relações não há espaço para ciúmes, simplesmente não

existem. Observamos a coisa amada a observar objectos de desejo e agrada-nos a timidez, o ligeiro desviar do pescoço, o olhar sorrateiro, e mais nada. Nenhuma emoção excepto uma enorme candura. O meu marido era, para mim, um espécime raro que eu gostava de observar e com o qual pouco interferia. Um pássaro azul numa gaiola branca. Ao mexer no computador que, julgava eu, ele raramente utilizava (encontrava-se pousado sobre uma pequena secretária do lado esquerdo do escritório), encontrei os ficheiros ou os filmes. Foi sem querer. Carreguei num botão do rato e, de repente, aparecem duas raparigas muito novas a abraçar-se. Pouco tempo depois estão deitadas numa cama a lamberem-se. São as duas muito bonitas e há uma que tem seios falsos. Nenhuma delas olha para a câmara ou sequer dá sinal de saber que a câmara está presente; a morena afaga os seios falsos da rapariga menos morena e, depois, num *close-up* desastrado, as línguas molhadas e sulcadas, as partes laterais feitas daquele tecido purulento que por vezes parece veludo na nossa boca. Parei o filme. Tinha o coração acelerado, a boca seca. Eram três da tarde ou talvez menos; Lars tinha saído para um passeio e, sem dar por isso, como se fosse uma dessas infelizes que prognosticam o futuro, pus-me à escuta para ver se ele voltava. Ninguém. Dentro dessa pasta havia pelo menos uma centena de filmes. Abri alguns. Havia homens com mulheres, homens com duas mulheres, homens com três mulheres e mulheres com duas ou mais mulheres. O elemento comum

a todos os filmes era a idade das raparigas, todas muito jovens ou aparentemente muito jovens. Movida por uma admirável estupefacção – imaginando Lars na sua aparente ausência de volúpia, o casaco de malha castanho por cima da *T-shirt* esburacada, muitas vezes de meias ou pantufas o dia inteiro –, abri o programa de acesso à Internet, consultei o histórico e imediatamente surgiu uma parafernália de *sites* dedicados à exposição de corpos femininos que aparentavam uma estranha puberdade, como se os rostos, mais envelhecidos, fossem tristes apêndices de corpos pouco lavrados pelo tempo.

Num dos vídeos que encontrei nessa pasta, uma mulher que não podia ter mais de vinte anos saía de um prédio estreito, de fachada colorida, situado numa dessas cidades da Europa de Leste que visitei noutros tempos e acabo por confundir na minha cabeça. (Ainda hoje sou incapaz de distinguir a neve suja de um Fevereiro em Hajd Park do cheiro a ferro da estação de comboios em Józsefváros, do sabor a mel da *rakija* e da maneira como este, dissolvido no travo do tabaco, era quase agradável antes de dormir. Visitámos estas cidades quando os teus livros eram lá publicados, e por alguma razão esqueci-me de tudo e lembro-me destas coisas mas não as sei localizar, se me perguntasses não saberia dizer qual era qual.) No vídeo, a rapariga sai de um prédio de uma dessas cidades, mas talvez possa ser Praga, onde nunca chegámos a ir, e caminha na rua acompanhada pela câmara que a filma

a partir do passeio oposto. É alta e tem o cabelo comprido e solto, as madeixas viajam atrás dela, têm vida própria (que enorme cliché!), mas quem filma está mais interessado nas formas da rapariga, cujo rosto é estranhamente desinteressante, um daqueles rostos que vemos à janela de um café ou à entrada de uma repartição de finanças e com os quais partilhamos somente a constatação do aborrecimento.

Quando vi esse vídeo acendeu-se alguma coisa em mim, um calor inesperado, como se ligassem o bico de um fogão debaixo dos meus pés: uma onda morna, sensual, mas enformada pelo medo. As formas da rapariga podiam ser as minhas há quarenta anos. Uma jovem direita e hirta, que tem dificuldade em caminhar sem a fatigante sensação de que a olham, a escrutinam, a tentam gravar na memória – perguntem a qualquer mulher minimamente vistosa com menos de quarenta anos e ela dir-vos-á que se sente, na rua, um modelo nu; com seios empinados e ligeiramente grandes para o corpo magro, as pernas fininhas e aquele peso terrível de ter de olhar em frente para não enfrentar os mirones.

Hoje em dia, graças à idade e às formas mais roliças das minhas pernas, à carne mais macia dos meus braços, ao arrasto da gravidade – hoje em dia, os mirones desapareceram e sou eu que, de vez em quando, no supermercado ou à saída de um ginásio ou de um bar, me ponho a olhar, em plena luz do dia, para as formas de um homem ou mulher

jovem no auge da sua condição retesada. Dá-me vontade de rir. Apetece-me dizer-lhes que deixem os ombros pender e não se preocupem mais com a afirmação do queixo ou dos peitos: tudo cessará, tudo perderá fulgor; é da nossa natureza que assim suceda.

Sinto, então, o medo antigo de ter sido aquela rapariga. No filme, ela caminha pela rua fora, cruzando-se com outras mulheres e homens (há um homem que se volta para lhe ver o rabo) e, depois, faz um desvio na passada e entra na porta de um prédio que não pode distar mais de cem metros daquele de onde saíra. A seguir há um corte evidente na filmagem, evidenciado pelas horas que aparecem, em números digitais, na parte superior esquerda do ecrã. A rapariga ressurgue na rua às 11:49 e parece estar a chorar. É essa sensação que me fica, uma vez que o seu rosto, algo indistinto devido à distância, parece ter ficado mais escuro, e há o gesto hesitante de alguém que quer limpar uma lágrima com as costas da mão mas não o faz e, em vez disso, leva suavemente a ponta dos dedos à parte superior da bochecha na esperança de que a lágrima se decida a cair. O filme acompanha a rapariga de regresso ao local de partida. Novamente, o realizador está mais interessado nas formas dela e, portanto, o rosto é quase ignorado em favor dos seios que se agitam debaixo da camisola preta e das calças de ganga que se colam às coxas magrinhas.

Depois disto, um momento interessante – foi esse instante que me deixou amedrontada, como se subitamente

eu lesse o presente à luz de um passado que nem sequer era o meu; um momento em que, usando a sua própria chave para entrar no edifício, a rapariga volta o pescoço e olha directamente para a câmara, o momento em que eu a descubro e ela me descobre a mim. O que temi nesse olhar não foi o facto de ela olhar para a câmara, mas de reparar que eu a observava avidamente. Quando descobrimos o outro? Observada impunemente, uma pessoa não passa de uma impressão sensível queimada na chapa fotográfica dos nossos olhos. Descobrimos o outro quando ele nos descobre a nós, e, ao sermos descobertos, descobrimo-nos a nós mesmos. Não é o que a palavra indica? *Des-cobrir*. Destapar ou remover o véu da ignorância. Eva olhando Adão pela primeira vez e, nesse olhar, *vendo-se* a si mesma – onde, antes, havia pura consciência, há agora a consciência de si, o princípio da separação.

E, portanto, tudo arde.

Pouco tempo após Lars ter desaparecido, encontrei o vizinho que agora vive nas águas furtadas. É um homem jovem e tímido, que entra e sai do prédio de bicicleta e depois a carrega até ao patamar do primeiro andar, onde estão dois vasos de plantas artificiais; costuma deixar a bicicleta encostada à parede, amarrada aos caules das plantas com um cadeado. Encontrei-o no *Almanak* em finais de Janeiro. As pessoas caminhavam pela rua com anoraques